

TerraGente

da

# TerraGente

CONHECER E CONSERVAR PARA COMPARTILHAR A VIDA

FLORA

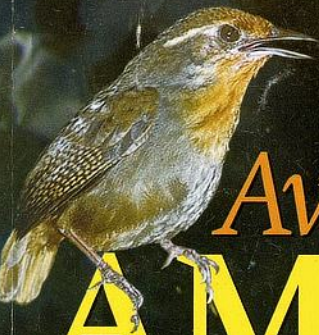
**GUARANÁ**  
É PROMESSA  
ANTICÂNCER

CONSERVAÇÃO

APOSTE NA VIDA  
DOS **CAVALOS**  
**MARINHOS**

FAUNA

**CAMUFLAGEM E**  
**MIMÉTISMO:** PARECER  
PARA NÃO PERECER



Aventura na

# AMAZÔNIA

Nossos convidados fílgam e soltam o **tucunaré-fogo**, encontram o lendário **uirapuru** e vencem desafios no Terra da Gente Adventure 2006











USO SUSTENTÁVEL

# Gente de FIBRA

*Artesãos moldam uma nova história – ambientalmente correta e economicamente sustentável – para a cidade mineira de Maria da Fé*

texto CRISTINA MAIA fotos JOÃO PRUDENTE

**Q**uartier Latin. Um dos metros quadrados mais caros da capital francesa. No bairro chique de Paris, uma loja de cosméticos é ambientada e decorada com elementos naturais. Obras de artesanato feitas por pequenas comunidades brasileiras. Os *cache-pots* expostos na França juntam-se a luminárias, mandalas, e placas decorativas, vendidas como arte brasileira numa das ruazinhas mais charmosas da Itália, na região da Piazza del Popolo. A argentina Carla Ferronato, dona da loja, explica que a originalidade de todas as peças à venda é garimpada no interior do Brasil inteiro,

em visitas que faz duas vezes por ano ao País com seu sócio, um cearense de Aracati que se mudou para Roma há sete anos. Ela consegue reunir, na loja, um pouco da cultura de cada região brasileira. “Eu já morei no Brasil por quatro anos e fiquei enamorada do artesanato de lá. Decidi vir pra cá e trazer comigo um pouquinho do Brasil”, diz ela. “E cada peça que eu vendo, eu conto a história por trás dela”.

Uma dessas histórias começou a ser escrita há oito anos na cidade mineira de Maria da Fé. Depois de estudar Belas Artes em São Paulo, o artista plástico contemporâneo, filho da terra, Domingos Tótora, decidiu voltar. “Eu



*Os produtos  
têm a fibra e o  
tom da terra  
e dos moradores*

queria criar um trabalho comunitário, que melhorasse a vida das pessoas, exaltasse esse lugar e envolvesse arte”, diz. Anunciou um teste na cidade e apenas sete mulheres apareceram. Todas donas de casa e bordadeiras. “Achei que não ia dar conta”, conta Valéria da Costa, uma das donas de casa. “Eu ficava meio insegura de tentar e não conseguir. Tive muito medo, no comecinho”, confessa Edna Ferreira, outra integrante do grupo inicial.

Tótora propunha um trabalho diferenciado, ecologicamente correto, numa cidade em que a economia girava em torno da batata, uma cultura que demanda o uso de muito agrotóxico e por isso é altamente poluidora. E, além disso, estava em crise. “O trabalho veio na hora certa pra ajudar em casa e nos estudos dos filhos, né?” explica Elenice Siqueira, casada com um produtor de batatas. Começava ali a oficina Gente de Fibra.

“É uma coisa impressionante! Quando você socializa a arte, o pessoal começa a sensibilizar o olhar, sai do abstrato para o concreto”, comenta o artesão. Para ele, o trabalho deveria ter elementos da terra, tinha que ter a ‘cara’ de Maria da Fé. “A minha preocupação era dar identidade às obras e ter material sufi-

**ARTE SOCIALIZADA**

*Dona Fiica e família fazem 700 metros de corda de fibra por dia, num sistema de cooperativa implantado pelo artista plástico Domingos Tótora*





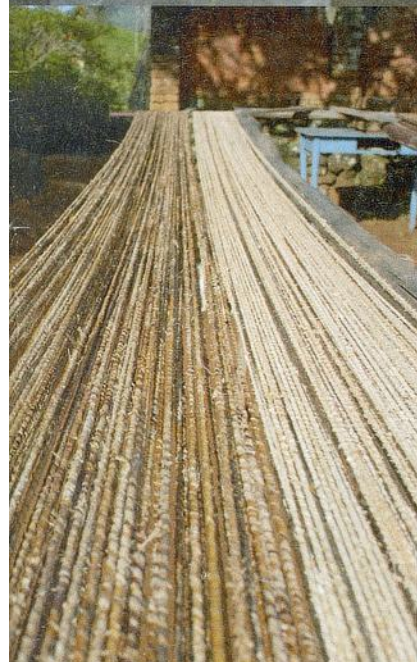
## Círculos de iniciação

**Mandala.** A palavra em sânscrito significa círculo. Para o budismo simboliza muito mais que uma forma geométrica, representa a dimensão pura da mente iluminada. As técnicas de construção de mandalas fazem parte do aprendizado de monges tibetanos. Para a mística artista Lilita Noronha, 59 anos, mandala é um símbolo mágico que ajuda as pessoas a entrarem em contato com si mesmas. Ela trabalhava com terapias alternativas em Belo Horizonte, Minas Gerais, até se mudar para Estação Dias, distrito de Brasópolis, no sul do Estado, há seis anos. Um lugar onde a internet está longe de chegar. Nem telefone fixo tem! E, por incrível que pareça, nem padaria e açougue.

Junto com a filha Patrícia Noronha, 39 anos, Lilita montou um atelier de artesanato, onde cria mandalas rústicas, artísticas e originais, também com a fibra da bananeira. Mas a técnica desenvolvida por Lilita utiliza aros reciclados de bicicleta para dar forma às mandalas. “Não queria usar madeira para fazer as telas dos meus quadros. Canso de ouvir como as florestas estão sendo devastadas, que a caixeta (Tabebuia cassinoides) já está quase em extinção. Não queria ter participação nisso”, argumenta. Sobre um tecido de algodão cru é feita a arte final, juntando tiras do miolo da bananeira, que também costuma ser descartado. Pigmentos extraídos

de terra, cinzas, urucum (Bixa orellana) acrescentam cores aos quadros. Da fibra também são feitos papéis para revestir paredes e móveis, caixas, bandejas, luminárias.

A estrutura para produção das peças ainda é bem familiar: um liquidificador e um forno industrial de duas bocas. Mas basta para Lilita e Patrícia abastecerem seus consumidores. Hoje elas produzem 30 peças por mês, vendidas pela organização não-governamental Mãos de Minas e pelo Palácio das Artes, em Belo Horizonte e em Monte Verde. Algumas já foram parar na Suíça e na Argentina. “Mas ainda vamos fazer muito mais. Sempre respeitando o meio ambiente”, confia Lilita, que já pesquisa outras técnicas, com as fibras de quiabo, mamona, cana-de-açúcar e capim gordura.



### MATÉRIA-PRIMA

Papel picado com cola (acima) e fibra de bananeira são os materiais básicos para a confecção das peças

ciente para que estivessemos sempre abastecidos”.

Além de cola, papel reciclado, ele investiu na fibra de bananeira. E o que não falta no município é plantação de banana. Pelo menos três vezes

por semana, o agricultor Lício, 68 anos, chega com a charrete abarrotada de caules de bananeira colhidos nas fazendas e encostas dos morros. Reinaldo José Soares, o Dodô, ex-lavrador e hoje cooperado, lava tudo, esfrega bem até sobrar apenas fibra, que representa 20% do caule. Depois cozinha numa imensa panela de pressão, enquanto vai preparar a base para as peças: papel picado misturado à cola. “Aqui minha função é principal, né? Porque se eu ficar uns três dias sem bater papel, se parar aqui, lá dentro também pára. Todo mundo depende de todo mundo”, explica Dodô. “Por isso é uma cooperativa”.

Lá dentro da oficina, as mulheres molham e estilizam as peças ora com barrados, ora com um design mais limpo. A cor vem de pigmentos de terra extraída dos arredores de Maria da Fé. “Esta veio de rio acima, um lugar onde a montanha é ocre, dourada. A gente tem o tom de terra que precisa pra trabalhar. São tons da cultura primitiva, o chão de Maria da Fé que virou tinta”, comenta o artesão.

Os 60 cooperados orgulham-se por serem auto-sustentáveis desde o primei-



# Campeão de audiência

por FERNANDO KASSAB

Não há registro preciso sobre a origem do nome – exceto pelo fato de haver um homônimo, pernambucano famoso, rei da ‘embolada’, gênero musical que floresceu nas décadas de 1940 e 1950. O certo é que a sobremesa Manezinho Araújo integra aquele time caseiro e imbatível de doces, pães e bolos, do qual também fazem parte o pão-de-ló, o pudim de leite, a rosca, as compotas de frutas e a mousse de chocolate, entre outras delícias. De uma simplicidade total, a combinação de bananas cozidas em calda de caramelo, creme de confeiteiro (em uma versão mais simples) e a cobertura de marshmallow, levemente tostada no forno, é uma unanimidade entre donas de casa e cozinheiros bissextos, além de chefs brasileiros famosos e competentes.

Conhecido no Rio Grande do Sul como Chico Bagunçado, o doce tem um custo de preparo muito baixo e é considerado um coringa e tanto, em dias de poucos ingredientes na despensa e

na geladeira, além de ser perfeito para qualquer época do ano. Mas, como toda receita, tem lá suas especificidades. A primeira: compre bananas que não estejam muito maduras e nem as deixe muito tempo cozinhando na calda, para que mantenham uma resistência ao morder. Segunda: prepare o creme em fogo baixo e jamais (atenção: jamais!) deixe de mexer, em movimentos suaves, com uma colher exclusiva para sobremesas (para não correr o risco de sentir “aquela” nota de cebola que vem lá do fundo). Terceira: prepare, monte e deixe esfriar as bananas e o creme duas horas antes de finalizar com a cobertura de claras batidas com açúcar, para que, ao gelar, o resfriamento se dê por igual. E a última, que é mais estética do que prática: ainda que o sabor não se altere em quase nada, não é o tipo de sobremesa que se apresenta a convidados no dia seguinte ao preparo. E se você não tiver convidados? Seja feliz e raspe até a última gota!

## MANEZINHO ARAÚJO

Ingredientes: (12 pessoas)

### PARA AS BANANAS:

- 10 bananas nanicas, sem nada dos filamentos, cortadas em pedaços de 2 cm
- 1 1/2 xícara (chá) de açúcar
- 1 xícara (chá) de água fervente

### PARA O CREME:

- 1 lata de leite condensado
- 1 1/2 lata de leite
- 3 gemas passadas pela peneira
- 2 colheres (sopa) de amido de milho
- 1 colher (café) de essência de baunilha (ou fava raspada)

### PARA O MARSHMALLOW:

- 3 claras
- 6 colheres (sopa) de açúcar peneirado ou para confeiteiro
- 1 colher (chá) de raspas de limão

### PREPARO DAS BANANAS:

- Em fogo suave, derreta o açúcar até ficar com cor de caramelo claro. Junte a água fervente aos poucos, com cuidado, e deixe o açúcar caramelizado se desfazer, sem mexer na mistura.
- Quando estiver com textura de calda rala, junte as bananas em pedaços e deixe por três minutos na fervura da calda. Retire do fogo e passe para um refratário. Deixe amornar.

### PREPARO DO CREME:

- Em uma panela grande coloque o leite condensado, o leite, as gemas e o amido de milho. Leve ao fogo baixo e, sem parar de mexer, deixe levantar fervura, acrescentando a baunilha e deixe por mais dois minutos, tomando o cuidado de não deixar

pegar no fundo.

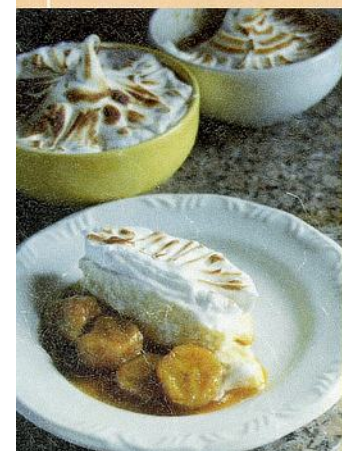
- Coloque o creme sobre as bananas em calda e deixe esfriar em temperatura ambiente.

### PREPARO DO MARSHMALLOW FINALIZAÇÃO:

- Preaqueça o forno a 180 graus.
- Coloque as claras na vasilha da batedeira e, em velocidade média, bata até começar a firmar.
- Uma a uma, vá acrescentando, sem parar de bater, as colheres de açúcar, até obter um suspiro firme e brilhante.
- Desligue a batedeira e polvilhe as raspas de limão, misturando bem com uma colher.
- Cubra o creme e as bananas com o suspiro, frise com um garfo para decorar e leve ao forno, para tostar a superfície. Se o seu forno tiver um grill, prefira usá-lo, pois o acabamento costuma ficar mais uniforme.
- Deixe esfriar um pouco e coloque na geladeira por duas horas, no mínimo.



ro dia e por deterem todo o processo de produção, da coleta da matéria-prima à comercialização e transporte das peças. O artesanato de fibra de bananeira gerou um movimento econômico na cidade. Dependem diretamente dele hoje mais de 30 famílias. Como a de Maria Aparecida Cardoso, ex-bordadeira, lavradora, mais conhecida como dona Fiica. Ela, filhos, genros e noras passam o dia torcendo cordinhas a partir da fibra, nas rocas ou com as próprias mãos. É o detalhe que vai decorar e dar o acabamento final às peças da cooperativa. “A gente faz 700 metros por dia. Não tem hora pra pegar, nem pra largar”, conta Fiica, sem parar de tecer. Desde que a produção na casa começou, os dois mil pés de banana plantados na propriedade pelo marido, Guilhermino Cardoso, valem mais. “Antes só a fruta era aproveitada. Tudo isso aqui era descartado”, diz ele, apontando para o caule da banana. “Nem imaginava que tinha







### ECONOMIA LOCAL

*A cooperativa de Maria da Fé (fotos acima) garante trabalho e renda para mais de 30 famílias. Ao lado, a arte da pintura com pigmentos da terra e, abaixo, peças de fibra de bananeira*

valor. Apodrecia tudo. E pensar que agora é vendido por três vezes mais que o cacho de banana”.

Com as pessoas de fibra de Maria da Fé descobrimos que quando um sonho é compartilhado ele se multiplica e contagia toda uma comunidade. Tótora concorda: “O grande lance é este. Você perceber que todo mundo pode. Basta acreditar na história e entrar. Todos estavam abertos para o novo”.

Num projeto paralelo, num outro núcleo da cooperativa, ele usa a mesma filosofia para criar peças geométricas com design mais moderno, nas quais imprime sua marca pessoal. Com uma produção em torno de duas mil peças por mês, metade das quais é exportada, o atelier, construído à beira de um lago, bem integrado à natureza, é uma espécie de templo sagrado onde a arte é a única religião.

